

Silva, André Filipe Oliveira da (2016). *Físicos e cirurgiões medievais portugueses. Contextos socioculturais, práticas e transmissão de conhecimentos (1192-1340)*. Porto: CITCEM, 158 pp., ISBN 978-989-8351-64-7.

Inserida no tema da História da Medicina, a obra em análise constitui uma novidade neste campo. Motivado pela “falta de estudos sobre os primeiros físicos e cirurgiões atuantes no território medieval português e, em segundo plano, sobre a atividade, médica e não só, de físicos portugueses fora do reino de Portugal” (p. 25), André Silva escolheu estudar na sua dissertação de mestrado – que deu origem ao livro agora recenseado –, precisamente, os profissionais da cura portugueses, entre 1192 e 1340. Os seus objetivos podem dividir-se em quatro principais: compreender o meio de (re)implantação da prática da medicina de cariz científico; conhecer os indivíduos que desempenhavam uma atividade médica ou que estavam ligados às ciências e artes da cura; analisar a sua aprendizagem; e, por fim, estudar o exercício da atividade médica.

Para cumprir os objetivos propostos logo na Introdução, a obra foi dividida em cinco capítulos, precedidos de uma “Apreciação crítica da bibliografia existente sobre o tema”. Ao longo de cerca de quatro páginas, André Silva fez o estado da arte da História da Medicina, em Portugal, começando pelos autores do século XIX, sobretudo médicos, e prosseguindo com uma referência aos estudos feitos por historiadores, embora pouco numerosos, e aos dedicados à evolução do pensamento médico. Este balanço é fundamental para compreendermos o contexto em que a obra está inserida e a sua utilidade para o desenvolvimento da História da Medicina.

O primeiro capítulo, intitulado “Da Antiguidade à Idade Média – o longo caminho das profissões médicas”, oferece-nos uma perspetiva de como evoluiu a medicina desde a Grécia Antiga até ao século XII, passando pelo Império Romano e pelo mundo árabe. É de salientar a inclusão de um breve subcapítulo, no qual o autor chama a atenção para a importância de alguns achados arqueológicos, que fazem remontar ao período romano a prática médica em território hoje português, não obstante o seu posterior quase desaparecimento durante vários séculos.

O capítulo 2 (“O meio: introdução da medicina no Portugal medieval (ca. 1150-1225)”) inicia a abordagem ao tema central da obra, cumprindo o primeiro objetivo do autor, o estudo do “meio sociocultural que acolheu o ressurgimento da medicina como ciência e profissão” (p. 43). Servindo-

se já das fontes e de bibliografia diversa, André Silva começou por analisar a diferença entre o *medicus* e o *physicus* medievais, de forma a determinar qual dos termos se impôs na realidade nacional, concluindo que o último se tornou mais frequente. Numa segunda parte, o autor focou a sua atenção na figura do *infirmarius*, enquanto precursor do médico e do físico, e na *domus infirmorum*, dependência monástica onde desempenhava as suas funções.

Segue-se, então, um dos mais importantes capítulos da obra, aquele que é dedicado aos indivíduos, nas suas múltiplas vertentes. Acima de tudo, o autor procedeu à identificação dos físicos e cirurgiões documentados em Portugal, entre 1192, data da primeira menção conhecida a um físico, e 1340, ano em que terminaram as cartas de licenciamento da atividade, iniciadas por ordem de D. Afonso IV. Ao todo, André Silva reuniu quase 80 homens, sobre os quais é possível tirar algumas conclusões relativas à sua origem social, contexto sociocultural onde exerciam a sua atividade e possíveis razões que os levaram a enveredar pela medicina. De entre estes, o autor destacou cinco “indivíduos excecionais” (Frei Gil de Santarém, Pedro Julião, João Rol, Gil de Leiria e Afonso Dinis), de quem traçou o perfil. O capítulo termina com uma incursão pelos judeus, muçulmanos e mulheres praticantes de medicina.

Conhecidos os indivíduos, André Silva procurou compreender onde e como aprenderam o seu ofício. Intitulado “O Saber”, o quarto capítulo inicia-se com um subcapítulo sobre a “aprendizagem e formação dos praticantes”, no qual é analisado o ensino médico medieval sob diferentes perspetivas. Começando com a pertinente questão “haveria ensino médico em Portugal antes da fundação da Universidade?” (p. 83), o autor abordou a aquisição de conhecimentos pelos médicos e físicos portugueses em três contextos diferentes, a saber, nas escolas estrangeiras, na Universidade de Lisboa-Coimbra e fora dos meios eruditos. Além disso, num último subcapítulo, analisou um dos principais instrumentos de aprendizagem, as obras médicas, tanto do ponto de vista da sua difusão e circulação, como da sua posse pelos profissionais da cura e outros indivíduos. Neste aspeto, é de grande interesse a descrição de algumas bibliotecas pessoais, nas quais figuravam alguns tratados médicos raros.

Por fim, o último capítulo, tal como o seu título indica, centra-se na prática médica. Primeiro, partindo de duas questões (“Uma prática hospitalar?” e “Uma prática itinerante?”), André Silva procurou compreender qual o meio privilegiado de atuação dos profissionais da cura medievais, concluindo que a sua maioria se fixava em determinada cidade ou região, enquanto outros assumiam as funções de físicos régios ou episcopais e um número quase nulo exerceria medicina em hospitais ou gafarias. O corpo da obra

encerra com um subcapítulo designado “a prática e as práticas”, no qual são descritos os instrumentos utilizados no desempenho da atividade médica; as circunstâncias de licenciamento da atividade; e outras atividades, entre as quais a alveitaria, espécie de “embrião” da medicina veterinária.

A obra é complementada com a lista cronológica dos 78 físicos, cirurgiões e outros indivíduos ligados à medicina recenseados. Para cada um, de acordo com o que as fontes e a bibliografia permitem, o autor elaborou uma pequena biografia, a que acrescentou as referências documentais e bibliográficas. Note-se que optou por se restringir à atividade médica dos biografados, remetendo para estudos mais completos que incluam outro tipo de informação a seu respeito, de modo a evitar a repetição e excesso de dados. Uma opção sensata, que agiliza a consulta das biografias. A pesquisa é ainda facilitada pela inclusão de um índice alfabético dos indivíduos identificados.

A leitura do estudo em apreço revela um sólido conhecimento das fontes e da bibliografia especializada. Conhecedor da produção científica dos autores mais antigos, muitos deles médicos, e dos mais recentes, André Silva conseguiu conjugar a informação recolhida em todos eles, de modo a justificar as suas afirmações e opções metodológicas. Este esforço é evidente na lista bibliográfica final, onde constam, ao lado de médicos portugueses de finais do século XIX e do século XX, alguns dos principais nomes da historiografia médica internacional do século XXI. Não obstante, devemos apontar a ausência de algumas obras de Carole Rawcliffe, uma das maiores especialistas em História da Medicina, e de alguns estudos sobre assistência hospitalar medieval, em Portugal, uma vez que é abordada a questão da presença ou não de médicos neste contexto. Além disso, no caso da tese de doutoramento de Saul Gomes, publicada há mais de uma década, o autor deveria ter optado por citar esta versão e não a policopiada. Estas pequenas notas não retiram, naturalmente, mérito à obra.

Em *Físicos e cirurgiões medievais portugueses* André Silva conseguiu reunir toda a informação pertinente a respeito destes profissionais, ainda que nem sempre as fontes respondam a todas as questões que lhes são colocadas. Bem fundamentada e com todas as hipóteses expostas e justificadas, esta obra veio renovar os estudos de História da Medicina portuguesa, juntando o nome do autor aos dos poucos historiadores que abordaram “diretamente temas de história médica medieval em Portugal” (p. 33).

ANA RITA ROCHA  
CHSC – Universidade de Coimbra  
anarita.srocha@gmail.com